# O TRABALHO E A RUA

## Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80

**Ayrton Fausto** **Ruben Cervini**

*Organizadores*

unicef
Fundo das Nações Unidas para a Infância

FLACSO
SEDE BRASIL
15º ANIVERSARIO

UNESCO

CORTEZ EDITORA

**O TRABALHO E A RUA:**
**Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**
**Ayrton Fausto, Ruben Cervini (Org.)**

Programação visual e Capa (sobre fotos de Maurício Bacellar): Carlos Clémen
Preparação de Originais: Helder Garmes
Edição de texto: Adma F. Muhana
Revisão: Celso Duarte, Maria de Lourdes de Almeida, Rita de Cássia M. Lopes
Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

O Trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. — 2. ed. — São Paulo: Cortez, 1996.
Textos selecionados de estudos e pesquisas apoiados pela UNICEF, FLACSO.
ISBN 85-249-0305-8 (Cortez) ISBN 85-85140-02-X (FLACSO do Brasil)
1. Adolescentes - Brasil - Condições sociais 2. Brasil - Política social 3. Crianças - Brasil - Condições sociais 4. Menores - Trabalho - Brasil 5. Menores abandonados - Brasil I. UNICEF. II. Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. III. UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. IV. Crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.

91-2545

CDD-362.70981
331.310981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil: Adolescentes: Problemas sociais 362.70981
2. Brasil: Crianças: Problemas sociais 362.70981
3. Brasil: Meninos de rua: Problemas sociais 362.70981
4. Brasil: Menores: Trabalho: Economia 331.310981
5. Trabalho infantil e juvenil: Economia 331.310981

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos editores

© 1991 by UNICEF/FLACSO/UNESCO
Direitos para esta edição
CORTEZ EDITORA
Rua Bartira, 387 — Tel.: (011) 864-0111
05009-000 — São Paulo — SP

Impresso no Brasil — 1996

# Sumário

Prefácio ..... 9
Introdução ..... 15

## Capítulo 1

O menino trabalhador no Brasil
urbano dos anos 80 ..... 17

*Ruben Cervini, Freda Burger*

## Capítulo 2

Pobreza, cor e trabalho infanto-juvenil. ..... 47

I. As conseqüências da pobreza sobre
a infância e a adolescência ..... 48
*Ricardo Paes de Barros,*
*Rosane S. Pinto de Mendonça*

II. Conseqüências de longo prazo
do trabalho precoce ..... 56
*Ricardo Paes de Barros, Eleonora Cruz Santos*

III. O papel da cor na inserção do menor no
mercado de trabalho metropolitano brasileiro ..... 62
*Ricardo Paes de Barros, Eleonora Cruz Santos*

## Capítulo 3

«Menores» institucionalizados e meninos de rua:
os grandes temas de pesquisas na década de 80 ..... 69

*Irene Rizzini, Irma Rizzini*

## Capítulo 4

Crianças de rua: um estudo das
suas características demográficas ..... 91

*Eduardo Juárez*

## Capítulo 5

Meninos de rua e meninos na rua:
estrutura e dinâmica familiar ..... 117

*Alda Judith Alves-Mazzotti*

## Capítulo 6

Da casa à rua: a cidade como
fascínio e descaminho ..... 133

*Arno Vogel, Marco Antonio da Silva Mello*

## Capítulo 7

A família contra a rua: uma análise
psicossociológica da dinâmica familiar em
condições de pobreza ..... 151

*Wilson Moura*

## Capítulo 8

A montanha e a pedra: os limites da política
social brasileira e
os problemas de infância e de juventude ..... 195

*Vilmar Faria*

## Anexo estatístico

O menino trabalhador no Brasil
urbano dos anos 80 ..... 227

*Ruben Cervini, Freda Burger,*
*Lucilene Dias Cordeiro*

# A FAMÍLIA CONTRA A RUA

## Uma análise psicossociológica da dinâmica familiar em condições de pobreza

Capítulo 7

Wilson Moura*

* *Professor do Instituto de Psicologia da UERJ, e coordenador de pesquisas da FLACSO — Sede Acadêmica Brasil*

# Índice

Apresentação

Introdução

**1.** A visão psicossociológica da família: um modelo teórico

**2.** A análise da dinâmica familiar

**3.** Alguns aspectos da convivência familiar: entre a interdependência e a desintegração grupal

**4.** Em busca da solidariedade desaparecida

Anexo 1

Anexo 2

# Apresentação

Este trabalho tem a sua origem na pesquisa realizada em Goiânia, no período de maio a outubro de 1990, sob os auspícios do Convênio FLACSO/UNICEF e a colaboração da Fundação de Promoção Social de Goiás, sendo voltada, prioritariamente, para o estudo das famílias de crianças e adolescentes na rua.

O interesse desta parte, em que pese o compromisso interdisciplinar que orientou a investigação, concentra-se na análise dos problemas das famílias em condições de pobreza, dentro de uma perspectiva da Psicologia Social.

# Introdução

As indagações que deram origem a esta pesquisa situam-se, primordialmente, no plano da investigação sobre a dinâmica familiar das crianças e adolescentes que vivem ou trabalham na rua. Por isto mesmo, o desafio da pesquisa, inicialmente estabelecido, visou relacionar aspectos da interação familiar às seguintes situações, envolvendo seus respectivos membros, crianças ou adolescentes:

- o abandono definitivo de casa para viver na rua;
- o exercício de atividades de subemprego;
- a existência de uma possível trajetória de vida — a começar pelo subemprego e terminando pela vida inteiramente na rua.

Pontos também considerados relevantes, tendo em vista a natureza contraditória das informações levantadas, foram os vinculados aos efeitos perversos do grau de pobreza familiar. Não obstante as inúmeras pesquisas realizadas apontarem para o fator econômico como o grande responsável pelo problema, como atestam Pires (1988) e Silveira (1989) em seus respectivos levantamentos bibliográficos, uma questão se impôs, formulada a partir de constatações empíricas, como a merecer um esclarecimento imediato: por que existem famílias, em condições de idêntica miséria, que conseguem se manter razoavelmente estruturadas, sem que nenhum de seus membros, crianças ou adolescentes, troquem em definitivo o convívio familiar pela rua, mesmo sendo obrigados por contingências de sobrevivência a buscarem nas calçadas o complemento da renda familiar?

O que se pretendeu, portanto (é necessário que se enfatize), não foi desconhecer o econômico, uma vez que isto seria impossível, dado inclusive as informações coletadas sobre a renda familiar (média *per capita* de 1/2 salário-mínimo) contidas na análise quantitativa desta pesquisa (ver Alves, Capítulo 5 desta publicação). O propósito foi o de se evitar a cristalização de crenças em torno de um determinado problema social, o que, por vezes, impede uma percepção mais rica das múltiplas articulações presentes. Uma visão microscópica sobre o interior do objeto "família em condições de pobreza" talvez propicie uma compreensão mais nítida da interação exibida por seus integrantes diante de condições tão difíceis de sobrevivência.

Evidentemente que as respostas a problemas desta natureza dificilmente admitem uma vinculação linear do tipo "fatores determinantes/resultados correspondentes"; todavia, as mencionadas indagações funcionaram, ora como uma espécie de eixo orientador, impedindo desvios excessivos de rota, ora como um catalizador estimulando inferências e desdobramentos fecundos.

Na medida do possível, buscou-se orientar esta análise para as questões inicialmente formuladas, atentando-se, não obstante, para dois aspectos normalmente estranhos aos não familiarizados com a Psicologia Social: o lógico e o epistemológico.

A crise de credibilidade que às vezes se instala quando alguém se depara com análises baseadas em histórias de vida merece algum esclarecimento. Realmente, para aqueles muito afeitos a levantamentos quantitativos, a questão da freqüência constitutiva da amostra passa a ser um ponto dos mais importantes, daí decorrendo, para muitos, a confiabilidade no estudo realizado. Entretanto, quando se utiliza a estratégia qualitativa, o que se almeja é dotar os interessados na pesquisa de um material que represente construções razoáveis sobre as possíveis articulações das diferentes variáveis do problema. Trata-se, como afirmam Lincoln e Guba (1985) de se trabalhar com um "paradigma naturalístico", pois o valor e a confiança no relato repousam na possibilidade deste vir a se constituir num paradigma, capaz de aumentar a compreensão do objeto de estudo para os que dele fizerem uso. Inexiste, portanto, a pretensão de generalização, aliás tema dos mais controvertidos na ciência, pois o que se intenciona é contribuir para o melhor entendimento do fenômeno investigado, através de explicações que tornem mais nítidos os aspectos subjacentes.

Outro esclarecimento diz respeito à produção de conhecimentos no campo da Psicologia Social que, como sustenta Moscovici (1990 a), deve se incumbir de "analisar e explicar os fenômenos que são, simultaneamente, psicológicos e sociais". Deste modo, o que vem à tona é a necessidade de se resgatar o "psíquico", normalmente deslocado para um plano secundário devido à idéia, por muitos compartilhada, de que tudo que é psicológico tem a sua origem no social. Esta é a razão pela qual ainda se esbarra na crença fortemente difundida no âmbito das ciências sociais de que "uma boa explicação sociológica" deve, em princípio, evitar o lado subjetivo do indivíduo (emoção e demais processos psíquicos), além de ter que encontrar uma boa base econômica de sustentação (Moscovici, 1990 b). Entretanto, na condição de um campo de conhecimentos que se situa na interseção, reconhece a Psicologia Social que a sua sobrevivência decorre de uma atuação interdisciplinar. Daí a necessidade de se enfatizar ambas as vertentes (psíquica e social) que caracterizam a visão da realidade. A sua utilidade, em suma, decorre da capacidade de produzir interpretações em

diferentes instâncias, sem apelar para reducionismos. Entender, por exemplo, que simultaneamente à condição de miséria econômica subjaz um estado de miséria psicológica, que se manifesta por um sentimento de abandono e de impotência, é um bom exemplo de visão psicológica do problema. Resta trabalhar em ambas esferas sem que, contudo, se estabeleça a subordinação entre elas; pois, embora se influenciando mutuamente, será através da autonomia dos diferentes níveis que se construirá um conhecimento interdisciplinar mais eficaz do que aqueles até então produzidos, isoladamente, por cada disciplina.

Finalizando esta Introdução, torna-se oportuno lembrar que a partir das entrevistas realizadas com a criança e respectivos pais, estruturou-se um relato, em forma de caso, com o intuito de se propiciar uma visão mais rica dos diferentes aspectos que possam ser considerados relevantes na apreciação de cada dinâmica familiar.

Os depoimentos foram divididos em quatro etapas[1]:

1. a trajetória de vida dos genitores até a constituição da família de referência da criança;
2. a trajetória da família desde sua constituição até a saída da criança para a rua ou o subemprego;
3. a trajetória de vida da criança a partir de sua saída para a rua ou o subemprego até o momento atual e, finalmente,
4. as perspectivas futuras.

# 1. A visão psicossociológica da família: um modelo teórico

Um olhar para a família, enquanto fenômeno psicossocial, implica primordialmente enfocá-la na sua dimensão grupal. É dar relevo a essa entidade "psico-e-sociológica", estruturada através de vínculos — emocionais/racionais, subjetivos / objetivos — que emergem da interação desenvolvida por seus integrantes.

No dizer de Lewin (1947), um grupo é um campo[2] onde se manifestam não só as ligações de ordem racional, por exemplo, aquelas que constituem as expectativas sobre os comportamentos que devem ser exibidos no desempenho dos respectivos papéis (o sócio-grupo), como também aquelas que, sendo de ordem afetiva, respondem por uma espécie de "costura emocional" que une as pessoas entre si (o psicogrupo). Esta convivência de "distintos" e, ao mesmo tempo, "complementares" planos de análise resulta ser uma das características mais relevantes de qualquer estrutura grupal. Daí, os aspectos ambíguos de sua dinâmica: uma estrutura que aparenta a fragilidade, por seu desequilíbrio constante e, simultaneamente, uma certa solidez, devido à persistência de seus vínculos. O primeiro é uma decorrência dos insumos que o alimentam, pois flutua ao sabor da inconstância dos investimentos de energia de seus membros. O outro corresponde aos vínculos interpessoais que se constroem a nível cognitivo gradativamente porém com firmeza, como resultado da convivência. Logo, a preocupação em se trabalhar as duas esferas de energia visa evitar maiores equívocos. Um grupo pode aparentar equilíbrio no desempenho de papéis, sem que, no entanto, os vínculos permaneçam consolidados. Do mesmo modo, um outro grupo pode estar vivenciando uma grave crise, apresentando-se, pois, bastante desequilibrado, embora os vínculos que unem seus membros se mantenham extremamente firmes e duradouros.

O desenvolvimento da estrutura grupal decorre, portanto, da interação (troca de energia) entre seus membros. Quanto mais intensa ela for, maior será o efeito integrador. Por outro lado, a falta de engajamento, que corresponde à falta de irrigação de energia, favorece o aparecimento do efeito centrífugo, quando então se criam condições, conforme sugere Tajfel (1980) para o abandono do campo e a conseqüente filiação a novos grupos.

Finalmente, é importante destacar que a idéia de grupo (integrado/desintegrado) não deve ser entendida como uma simples manifestação objetiva de relações, pois que se requer a simultaneidade de correspondência a nível subjetivo. Uma maior freqüência de interação entre as pessoas na casa, no trabalho, na escola, em decorrência, às vezes, dos papéis desempenhados, ou mesmo o sentimento e a manifestação de afetividade para com os participantes (colegas, amigos, familiares), não necessariamente significam que estas pessoas se sintam atraídas, ou mesmo parte integrante de um grupo. A condição de membro de um grupo implica, a nível perceptivo, sentir-se ou não, simultaneamente, sujeito e objeto de uma ação coletiva, cúmplice de um projeto existencial comum.

## O modelo teórico

A farta literatura sobre o tema registra, ao lado dos aspectos econômicos ligados à sobrevivência, a importância dos instintos ligados a reprodução (os impulsos sexuais) na origem da instituição família.

Por isso, se torna fácil identificar o embrião do grupo aí inserido tendo em vista a presença das duas esferas responsáveis pela estrutura grupal — o psicológico e o sociológico.

Ao longo do processo de desenvolvimento da família observa-se que os investimentos de energia dos parcei-

1. Ver Anexos.
2. O modelo Lewiniano sofre forte influência da Física. O conceito de campo sugere a idéia de um espaço energizado, onde atuam forças antagônicas (atração/repulsão) em constante movimento.

ros (os responsáveis pela gênese da família) devem assegurar não só a vinculação afetiva decorrentes das expectativas do prazer sexual (a dimensão psíquica), como também uma quantidade de energia a ser canalizada para o desempenho de papéis que garantam as expectativas de sobrevivência material de cada integrante em particular e, por conseguinte, do coletivo compactuado.

Portanto, o crescimento e a manutenção da família, enquanto grupo, requer a satisfação simultânea das diversas expectativas geradas, quer sejam no plano da afetividade, quer no da sobrevivência econômica. Este último implica ainda um desdobramento — o interior e o exterior. O nível interno se consagra pelos papéis desempenhados visando a manutenção das condições físicas necessárias à convivência familiar (as atividades domésticas). Já o nível externo diz respeito ao desempenho de papéis, usualmente fora do campo de convivência familiar, com o intuito de assegurar os recursos necessários às funções básicas de sobrevivência (alimentação, abrigo, educação etc.).

Deste modo, estas duas dimensões (a psíquica e a sociológica) formam um campo de tensão a se influenciarem mutuamente. Assim é que a satisfação afetiva reforça os investimentos de energia na produção da sobrevivência e vice-versa. Da mesma forma, as carências vivenciadas funcionam como um elemento de dispersão das energias presentes no campo, enfraquecendo os elos que os interligam.

## A articulação dos elementos constitutivos do grupo familiar

Viver o grupo é sentir a reciprocidade do outro. É ter presente a interdependência das ações. É ter consciência da vinculação ao outro. Por isto mesmo, Sartre (1960) fala da distinção entre aglomerado e grupo. O primeiro é a experiência do anonimato na situação coletiva, quando, mesmo em presença do outro, sente-se o isolamento e o abandono — é a solidão. Já o grupo representa a experiência da solidariedade, a vivência da experiência comum.

Uma explicação bastante criativa para a articulação dos conteúdos psíquicos na solidificação dos vínculos grupais encontra-se em Käes (1977) e Anzieu (1981), para quem nos membros de um grupo se observa a presença de elementos inconscientes a responderem pela maior ou menor estruturação das relações. A tese central que defendem é a de que os grupos só conseguem se erigir como uma realidade social na medida em que determinadas formações psíquicas assumem o papel articulador entre o desejo e a demanda material, objeto da associatividade. Os organizadores psíquicos grupais são, pois, configurações inconscientes compartilhadas e capazes de sintetizar, a nível da percepção, a "grupalidade interna" e a "grupalidade social". A "grupalidade interna" deve ser entendida como a manifestação de um sentimento de interdependência emocional, fruto das fantasias buscadas e alimentadas na relação com o outro. Já a "grupalidade social" reflete a internalização do sentimento de reciprocidade de comportamentos, fruto de uma racionalidade que se consagra e se mantém na medida em que é capaz de assegurar a concretização de objetivos comuns.

Ao se ocupar um lugar num grupo, este pode já preexistir com sua estrutura de papéis devidamente normatizados; entretanto, caso não se vivencie internamente "o sentimento de interdependência", a internalização do grupo (a grupalidade interna), de nada adiantarão as pressões, oriundas da lógica e coerência da racionalidade imposta ao indivíduo (a grupalidade social), dado que as desarticulações fatalmente ocorrerão por conta do estado de alheamento e indiferença reinantes.

Por isto mesmo, os organizadores exercem uma espécie de função aglutinadora ou desagregadora do grupo. Como um espelho, eles facilitam o reconhecimento de imagens análogas, proporcionando assim o *insight* da apreensão isomórfica entre os processos psíquicos e os processos sociais.

Faz-se necessário, contudo, entender-se que um organizador não passa de um constructo teórico a indicar uma predisposição inconsciente, presente no psiquismo e capaz de influenciar intensivamente as percepções mútuas exibidas pelos membros de um grupo. Seguindo esta orientação, Eiguer (1985) desenvolveu uma teoria grupalista dos vínculos familiares na dinâmica de interação familiar.

Ao longo da história de interação da família, cada incorporação de um novo membro, a começar pela gênese — a escolha dos parceiros —, passando por nascimento de filhos, novos companheiros, enteados, parentes, amigos, representa momentos significativos para a dinâmica. As expectativas desencadeadas, recíprocas ou não, de satisfação de conteúdos fantasiosos em cada membro, estimulam reações de afastamento ou de aproximação. Neste particular, é importante ressaltar o princípio de identificação freudiana: "imita-se a quem se ama", a responder pelas ligações familiares. A este respeito, Eiguer (idem) observa que, com o correr do tempo, ocorre a estabilização, aparecendo os seguintes laços, que passam então a regular a relação entre os membros: os vínculos de aliança (companheiro/companheira), os vínculos de filiação (pais/filhos) e os vínculos de consangüinidade (entre irmãos). Estes vínculos não só respondem pelos investimentos no outro (o grau de atração/repulsão), como também orientam a interação entre os papéis (as diferentes atitudes exibidas).

Deste modo, pode-se inferir que os organizadores (enquanto manifestação de conteúdos fantasiosos) predispõem aos investimentos de energia (libido) no outro, favorecendo assim a emergência e a manutenção das ligações interpessoais (os vínculos), tanto no nível inconsciente (da afetividade), quanto no nível consciente (a racionalidade) dos papéis. Dependendo da intensidade do intercâmbio de energia, cria-se um campo favorável à comunicação e, conseqüentemente, à estruturação do espaço grupal diferenciado de relações.

O estabelecimento de fronteiras num sistema aberto, segundo Bertalanffy (1973), é condição indispensável à sua sobrevivência. Logo, a percepção de limites no espaço familiar torna-se crucial, dado que possibilita a cada membro diferenciar as relações que se inscrevem dentro e fora desse limite; quem e o quê se insere nesse interior; quais atitudes são as mais indicadas e — o que é mais significativo — o sentimento de pertencimento, ou seja, a autopercepção que permite a um membro qualquer sentir-se parte integrante ou não desse grupo familiar.

Aliás, como afirma Laing (1972), a família não é um simples objeto social decorrente do desempenho de papéis, uma vez que o que importa é a sua internalização. O indivíduo só se assume como membro de um grupo familiar quando se sente aceito, trocando energia, enfim, compartilhando desse projeto comum.

Um outro aspecto, ainda, dos mais relevantes na interação grupal, são as relações de poder desenvolvidas no interior da dinâmica familiar, pois se constitui fator de equilíbrio. É evidente que as articulações racionais dos papéis contidas na produção grupal destacam o conteúdo explícito, mas não necessariamente internalizado do poder. Este somente se efetiva na medida em que os respectivos integrantes o interiorizam, não como uma ameaça, mas como um objeto de identificação.

A propósito desta temática Sennet (1981) propõe-se a refletir sobre o significado dos vínculos grupais. Para ele, a ambigüidade é esclarecedora, porquanto um vínculo sugere, simultaneamente, não só a idéia de união, como também a de pressão. Em se tratando dos vínculos familiares, principalmente os vínculos filiais, estes dependem do reforço obtido — o sentimento de segurança e proteção — inferido da relação. Isto requer investimentos, de forma a assegurar a proteção que a criança idealiza. Daí, o que Sennet chamou de "força de autoridade dos pais", pois se baseia neste processo de identificação dos filhos, decorrente do empenho da doação de energia afetiva dispendida pelos pais, no sentido de garantir o clima necessário ao desenvolvimento do filho. Esta força é agregadora, pois se sustenta numa forte vinculação. Em contrapartida, no outro extremo, encontra-se a autoridade que se sustenta na força, na violência dos pais. Esta é frágil e desagregadora, pois, sendo pura descarga de energia, não consegue alimentar os vínculos familiares; tendo sua força oriunda do medo, é dispersiva e, portanto, estimula o abandono do campo, já que tanto mais afastados os membros estiverem das figuras detentoras do poder, menos se sentirão submetidos a essa situação desfavorável.

À guisa de conclusão talvez fosse importante, neste ponto, fazer um resumo das articulações ligando os diferentes elementos teóricos levantados para explicar a dinâmica de interação familiar. Com o intuito de facilitar a apreensão dos diversos aspectos apontados, buscou-se a ajuda de uma representação esquemática (ver Figura 1).

O esquema esboçado sugere a representação mental dos diferentes aspectos da dimensão grupal. No primeiro plano, denominado psicogrupo, estão simbolizados os conteúdos mentais que pertencem ao domínio da afetividade. Oriunda da libido, a energia sexual responsável pela reprodução da espécie atua a nível inconsciente, alimentando as fantasias de cada membro. Estas fantasias funcionam como verdadeiro organizador da vida grupal, na medida em que devem ser satisfeitas na relação com o outro. Esse campo de interação vai se estruturando com o tempo e tende a ser percebido dentro de um contorno nítido — os limites da entidade grupal — permitindo assim a cada membro sentir-se ou não parte integrante da mesma (o sentimento de pertencimento).

No outro plano, o sócio-grupo, estão representados os conteúdos pertencentes à esfera da racionalidade humana. Buscando garantir o compromisso da sobrevivência de cada membro e do grupo enquanto totalidade, reflete as influências culturais sobre a definição dos papéis atribuídos a cada membro, necessários à manutenção do grupo — quer sejam as atividades domésticas (a produção interna), quer, ainda, o denominado trabalho remunerado (a produção externa).

Na medida em que se constata uma gratificação simultânea em ambas as esferas, a qual se dá no nível da afetividade, através da identificação com o outro, e no nível da produção, assegurando-se as condições mínimas de sobrevivência, ocorre um reforçamento dos diferentes vínculos estabelecidos nos grupos familiares. Por sua vez, a intensidade da vinculação, fruto da gratificação obtida, atualiza o compromisso de cada membro para com a entidade grupal, garantindo a sua sobrevivência autônoma e singular no tempo.

Interessante ainda é registrar algumas peculiaridades encontradas no plano afetivo. A gratificação nessa esfera, além de contribuir para o fortalecimento dos vínculos grupais, permite também uma transferência de energia psíquica, que atua então sob a forma de motivação sendo colocada à disposição da esfera da produção. Isto representa dizer que a gratificação afetiva propicia uma concentração de energia na esfera da produção, o que favorece ao grupo enfrentar o desafio da sobrevivência. Evidentemente que a não concretização, no tempo, dos objetivos de sobrevivência, provocará um refluxo, uma dispersão das energias (a desmotivação), o que resultará no enfraquecimento dos vínculos, com o conseqüente abandono do campo de tensão.

O que se pretende, pois, assinalar, é o caráter altamente dinâmico das forças presentes nesse campo. Essa intercomunicação constante dos diferentes conteúdos mentais — o afetivo (a instância de prazer) e o racional (o da produção da sobrevivência) — decorre e, ao mesmo tempo, se alimenta das atitudes manifestadas em relação a cada integrante do grupo. A circulação intensa de energia entre os membros é o verdadeiro adubo, o elemento de sustentação do grupo familiar.

Este esquema deve ser entendido como uma configuração dos elementos contidos no campo da consciência de cada participante do grupo. A realidade concreta da família é caracterizada pelo desempenho dos papéis; todavia, os investimentos de energia derivam da manifestação dos conteúdos simbólicos decorrentes das gratificações obtidas na relação.

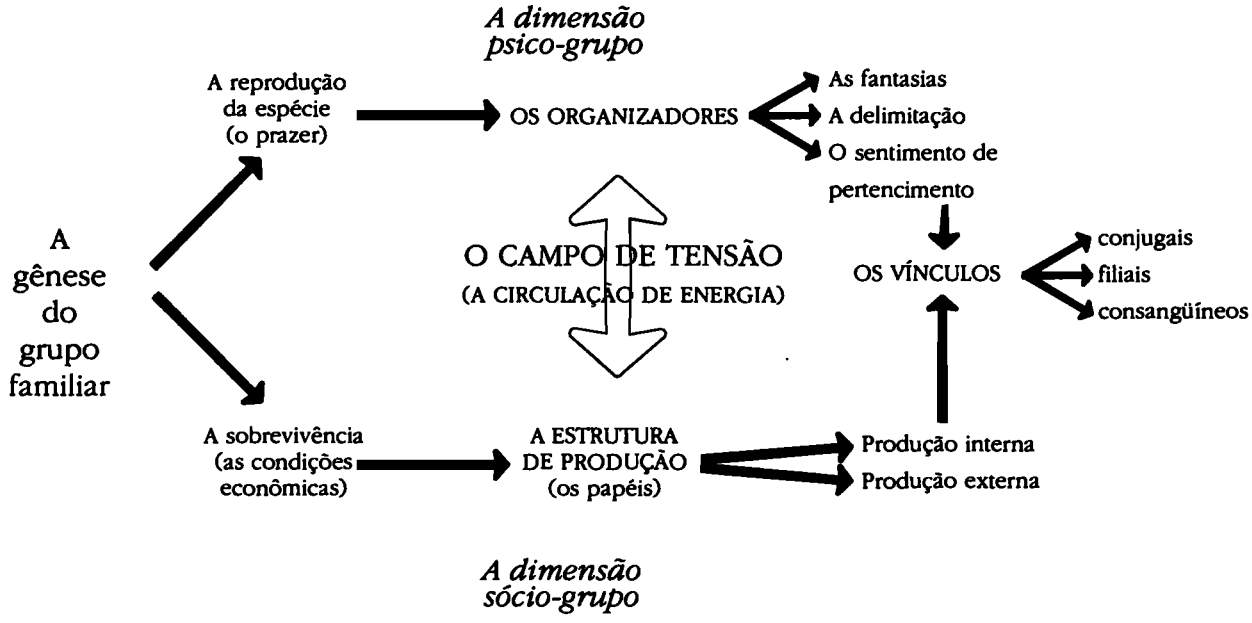
Os "organizadores", enquanto constructo teórico, respondem pela subjetividade presente na relação grupal. O sentimento de aproximação ou afastamento "no interior da entidade grupal família" decorrerá, pois, do nível de satisfação das fantasias alimentadas por cada membro e do êxito obtido na garantia de sobrevivência de cada membro, em particular, e da estrutura como um todo.

# Os indicadores grupais

A visão de família, enquanto grupo, sugerida no referencial teórico adotado, pressupõe o empenho de cada membro no sentido de assegurar a sua sobrevivência. Da circulação de toda a energia investida no interior do grupo para cada integrante a fim de satisfazer, simultaneamente, as duas instâncias — a do prazer e a da sobrevivência —

Fig. 1

**Articulação esquemática de uma concepção psicossociológica da família**




depende a sua estruturação. Daí, o fluxo interativo resultar sempre de investimentos e retornos (a reciprocidade intermembros), os quais se consagram na relação.

Portanto, se toda a dinâmica grupal reflete o grau de envolvimento de seus membros, a avaliação desta só será possível por intermédio de "indícios" que retratem o nível de gratificação exibido por cada participante. Destas considerações decorre, então, a escolha de indicadores capazes de orientar o levantamento e análise da dinâmica familiar dos casos pesquisados. Diante da imposição do intercâmbio de energia proposta pelo modelo, os indicadores deverão registrar a reciprocidade de interação manifestada — os investimentos e os retornos.

## 1. Os investimentos no grupo

*1.1. Os vínculos conjugais* — dizem respeito aos investimentos que cada parceiro faz no sentido de vitalizar a relação para com o outro e que espelha em que grau cada um vê ao outro como objeto de prazer.

*1.2. A presença física* — responde pela freqüência e intensidade das relações mantidas entre os membros do grupo familiar, com especial destaque à presença compartilhada, na qual o elemento visado seja efetivamente o grupo familiar.

*1.3. A sobrevivência do grupo familiar* — 1. atividades domésticas — indica o esforço de contribuição dos integrantes na realização das atividades domésticas, fator de primordial relevância na sustentação da convivência familiar, ainda mais que estas atividades constituem um encargo muito pesado para serem atribuídas a um único membro. 2. Renda familiar — traduz o grau de empenho demonstrado por cada membro: suas respectivas iniciativas registradas, as ações por cada um realizadas com o intuito de assegurar as condições mínimas de sobrevivência para todos os integrantes do grupo familiar.

*1.4. As experiências compartilhadas* — correspondem à freqüência e intensidade com que as tarefas, presentes na dinâmica familiar, se revestem de características próprias de "atividades em comum", pois sugerem um grau de cooperação, reciprocidade e interdependência entre os seus membros.

## 2. Os retornos grupais

*2.1. Os vínculos filiais* — correspondem aos investimentos recíprocos capazes de fortalecerem as ligações dos filhos para com agentes que simbolizam o pai e a mãe e que refletem o grau de interdependência existente na relação

*2.2. O sentimento de proteção* — trata-se da avaliação daquilo que a família representa para cada membro em termos de acolhimento e de segurança; enfim, o quanto os membros se sentem protegidos ou menos ameaçados pelo fato de se perceberem pertencendo à respectiva família.

*2.3. O sentimento de apoio* — retrata a percepção do grau de reforçamento obtido do grupo familiar, por parte de cada membro, quer seja em forma de ajuda à resolução de problemas e conflitos, quer na afetividade recebida em situações difíceis, quer, ainda, no estímulo constante às iniciativas visando enfrentar os desafios que o meio impõe.

# 2. A análise da dinâmica familiar

O propósito desta análise é resgatar a dimensão grupal, enquanto entidade determinada e determinante da interação sugerida pelos diferentes atores, em suas respectivas histórias singulares.

Penetrar no interior da dinâmica familiar subjacente aos depoimentos, por vezes isolados, de seus participantes, todavia, requer uma certa intencionalidade no ver, uma certa prontidão no olhar, que impeça passar desapercebido aquilo que se torna indispensável à compreensão do fenômeno.

Daí a necessidade de critério, a importância de indicadores, como os descritos anteriormente, que sejam capazes de funcionar como uma lente na tarefa de melhor compreender o fenômeno.

Finalmente sugere-se, a seguir, uma leitura prévia do respectivo relato de cada caso, constante nos Anexos.

## Caso 1

## 1. Os investimentos no grupo

### *1.1. Os vínculos conjugais*

Em que pese os quinze anos de convivência e o grande número de filhos gerados, o sentimento de rejeição da mae pelo companheiro é explicitado verbalmente. Ao fazer questão de frisar: "não vivemos como marido e mulher", ela deixa bem patente que não se trata de uma "relação de prazer", mas, como ficou evidenciado, de uma relação voltada exclusivamente para a sobrevivência. Embora não se tenha obtido a percepção do companheiro, sua postura é pelo menos indicadora do afastamento que deseja manter em relação à companheira. Verifica-se, portanto, uma tendência desagregadora, e a aliança estabelecida reside no interesse que a companheira tem na casa e numa herança para os filhos e, no caso do companheiro, na comida e roupa lavada. Aliás, ao falar de sua família, a entrevistada assim se expressou: "a família dos meus filhos é constituída dele e os meus filhos... Mas eu, eu só considero os meus filhos, pois dele eu não gosto não..."

### *1.2. A presença física*

O pai, ainda que fisicamente presente pelo menos durante o dia, já que trabalha de vigia à noite, devido aos seus problemas de saúde, troca muito poucas palavras, principalmente depois que se operou, há uns sete anos atrás. A sua presença, segundo a mãe, é solitária e isolada do restante da família. Já a mãe, ainda que mais participante, se encontra ausente das 05:30 às 21:00 horas.

### *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

A mãe, devido a sua longa jornada de trabalho fora de casa, dispõe de muito pouco tempo para dedicar às atividades domésticas, a não ser os sábados e domingos e, assim mesmo, quando não está muito cansada. O grosso das atividades caseiras está confiado às filhas de 12, 10 e 7 anos, sendo que a mais velha ainda trabalha fora, de babá. Como parecem não gostar desse tipo de compromisso, segundo a mãe, muita coisa não fica a gosto, mas, como ela mesma menciona, "o que se pode fazer?, o melhor é não se preocupar com essas coisas..."

No tocante à obtenção dos recursos necessários à sobrevivência, parece que a família não encontra tantas dificuldades, pelo menos em comparação com o restante das famílias que foram entrevistadas.

Ambos os parceiros possuem dois empregos cada, sendo que o pai possui ainda recursos extras, oriundos de outros imóveis alugados. Deve-se, contudo, registrar a desarticulação desses recursos obtidos por cada parceiro, o que deve acarretar prejuízos para o grupo como um todo. Como diz a mãe, "cada um leva a vida em separado com os seus respectivos ganhos; para dizer a verdade, eu não vejo o dinheiro dele..."

### *1.4. As experiências compartilhadas*

Nenhuma fala, nenhum indício foi extraído da entrevista que pudesse sugerir a existência de alguma atividade compartilhada para o grupo. As atividades domésticas são desenvolvidas pelas filhas, o que inclui basicamente alimentação, mesmo assim com muita resistência. Tudo leva a crer que cada um busca resolver o seu problema de uma forma muito individualizada, a não ser, é o que parece, a lavagem de roupa e a alimentação para o pai.

## 2. Os retornos grupais

### *2.1. Os vínculos filiais*

Ao que tudo indica ambos, pai e mãe, parecem não ter conseguido estabelecer com os filhos nenhuma ligação mais consistente e, sequer, conseguem passar alguma afetividade. Segundo a análise que a própria mãe faz, "da mesma forma que eu não sou feliz, eu acredito que os meus filhos também não são felizes... Eles não tiveram carinho de ninguém — nem do pai, nem da mãe... Acho que não consegui dar muito carinho .. por falta de tempo..."

### *2.2. O sentimento de proteção*

É difícil inferir quaisquer manifestações nessa dinâmica grupal capaz de insinuar acolhimento e segurança da parte dos seus integrantes. O espaço de interação é palco constante de diferentes manifestações de violência, especialmente na relação entre os companheiros, como relata a mãe: "Quando ele briga comigo, ele me manda embora, como já mandou as meninas várias vezes... Às vezes ele vem me bater e eu não aceito que ele me bate... então eu dou uns murros nele... aí as irmãs dele vêm em socorro dele... e a gente pega a brigar..." Nas relações com os filhos, principalmente o que se encontra na rua, as informações são muito expressivas: "o pai sempre foi nervoso, nunca deu atenção, nenhum carinho... se o menino teve atenção são os colegas de rua..." A própria mãe ao declarar que já amarrou o menino, de corrente, dá bem a idéia do tipo de interação que mantém com o filho.

### *2.3. O sentimento de apoio*

Além do fato de o pai há muito tempo não mais se preocupar em ir buscar ou procurar o menor na rua, com o intuito de trazê-lo para casa, a mãe, não obstante as afirmações de interesse e preocupação com a vida de seu filho, somente no período de realização da entrevista efetivamente procurou entrar em contato com o Juizado de Menores, embora seu filho estivesse detido há mais de dois meses na Delegacia. Acrescente-se ainda o fato de que declarou não saber se o melhor para seu filho era ficar em casa ou na delegacia, uma vez que o que importa é que não fique na rua. Comentando o longo período em que o menor se encontrava na Delegacia, a mãe assim se exprimiu: "Eu já acho difícil ele estar lá, mas ao mesmo tempo, eu já acho bom... porque quando ele está na rua, eu nem durmo pensando..."

O desinteresse manifestado pelos pais com relação ao destino do filho que se encontra na rua é um forte indício da falta de apoio do grupo familiar.

## Conclusão

A história da constituição dessa família demonstra uma ausência de gratificação mútua entre os parceiros. Tal frustração funciona como elemento centrifugador, fazendo com que seus membros, principalmente aqueles com mais independência, busquem fora dela alguma forma de recompensa. Daí, talvez, a ausência, como uma característica familiar importante e, ao mesmo tempo, profundamente desagregadora.

# Caso 2

## 1. Os investimentos no grupo

### *1.1. Os vínculos conjugais*

A longa trajetória de vínculos da mãe com suas respectivas vivências traumáticas, conforme suas próprias declarações, sugere um acúmulo de frustrações intensas. No tocante à ligação com o parceiro, pai dos dois filhos que oficialmente estão na rua, deixou transparecer um forte sentimento de rejeição, revestido de um caráter humilhante.

Quanto ao seu parceiro atual, cuja convivência gira em torno de dois anos, não conseguiu transmitir nenhuma informação ou indício de amizade, confiança ou consistência da relação.

O mesmo ocorreu com o parceiro, que, ao final da entrevista com a mãe, fez questão de dar declarações, tentando, tão-somente, expor o seu excelente nível cultural (pois tem 1º grau completo) e os problemas que possui com as ex-companheiras e respectivos filhos, os quais não moram com ele.

### *1.2. A presença física*

Como se pode depreender do relato, a presença da figura do pai ou padrasto foram efêmeras e, no caso dos menores de rua, praticamente nenhuma. A mãe, tendo em vista a necessidade de sobreviver com um pouco mais de dignidade, desde 1984 se ausenta diariamente, inclusive aos sábados, das 05:00 às 21:00 horas. Sendo o único elo de ligação entre os irmãos, na medida em que são filhos de diferentes pais, pode-se facilmente concluir o que significa a ausência da mãe na dinâmica deste grupo familiar.

## *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

Tendo em vista a ausência dos responsáveis (mãe e padrasto), atualmente as atividades domésticas estão entregues aos filhos mais velhos: o de 16 anos, uma de 14 e outro de 13 anos. Ainda existem mais quatro crianças, menores de sete anos, que também devem ajudar. Acontece que o mais velho estuda e trabalha (parece ser o verdadeiro chefe da família) e os dois que a ele se seguem vivem na rua, o que provoca inúmeros problemas de desordem em casa, segundo a mãe. Como conseqüência, é necessário muitas vezes que a avó materna, que vive numa casa próxima, junto com a filha mais velha e o neto, venham socorrer, principalmente as crianças menores. Parece que o problema se agrava com a presença dos menores que vivem na rua, pois quando eles resolvem aparecer em casa normalmente trazem consigo vários "coleguinhas", como disse a mãe.

No que tange à obtenção de condições mínimas de sobrevivência, os investimentos para o grupo, principalmente por parte da mãe, são bastante significativos. A excessiva preocupação por ela demonstrada em não deixar faltar nada em casa é confirmada pela dedicação que parece ter ao trabalho, conforme suas palavras: "foi a melhor coisa que podia ter acontecido em minha vida..."

Disse várias vezes que não tem medo de trabalhar, que sempre fez serviço braçal na roça e que faz o que for preciso para aumentar os seus ganhos.

## *1.4. As experiências compartilhadas*

Nada transpareceu da entrevistada que pudesse sugerir atividades compartilhadas ou em interdependência neste grupo familiar. As atividades domésticas poderiam ser consideradas um espaço em comum; todavia, talvez por falta de algum elemento aglutinador, o desinteresse evidenciado nas dificuldades relatadas demonstram que em verdade cada membro tenta resolver o seu problema específico individualmente. Inclusive os filhos que se ausentam muito freqüentemente (não são os menores que estão na rua), costumam se alimentar fora de casa.

# 2. Os retornos grupais

## *2.1. Os vínculos filiais*

A figura paterna parece estar muito enfraquecida na família, em virtude da rotatividade e negatividade das relações que foram estabelecidas. Já a mãe, embora se esforce por ser compreensiva e "conselheira", como ela se autointitula, está mais preocupada com as aparências, como, por exemplo, quando menciona: "Todo o mundo tem dó, porque meus filhos tão roubando... meu coração dói..." O seu grande ideal de vida seria poder trabalhar em paz, retornando à casa de noite, quando então gostaria de encontrar "todo o mundo quietinho e arrumadinho... os filhos tudo quietinho em casa, me esperando..."

## *2.2. O sentimento de proteção*

Pela dinâmica relatada torna-se difícil imaginar uma vivência grupal que propicie segurança aos seus membros, principalmente se atentarmos para a seguinte informação retirada da entrevista com a mãe: "Tá tudo na rua... a menina, por exemplo, já veio da rua..."

Em outros trechos deixa entrever que já tinha conversado este assunto com eles mas que, ao que tudo indica, nada obteve: "Quando eu saio para o trabalho, eles saem para a rua. Eles dizem que dentro de casa é ruim..."

A casa, o lugar físico do grupo familiar, parece não oferecer nenhuma recompensa, até mesmo para aqueles filhos que não estão na rua (pelo menos oficialmente).

## *2.3. O sentimento de apoio*

O acolhimento grupal foi outro traço ausente da entrevista. O que se infere é que se trata de um grupo familiar cujos membros dão a impressão de se encontrarem de passagem, sem tempo nem vontade para se relacionarem, em busca de algum outro lugar para viverem. A mãe, ainda que verbalize estar muito preocupada com a situação dos filhos, principalmente os menores de rua, em verdade há muito tempo não os via e sequer sabia de seus paradeiros. O que talvez esteja nos seus planos é tentar alguma instituição que tome conta desses filhos. Aliás, ao finalizar a entrevista, declarou enfaticamente: "Eu quero que vocês me ajudem... que eu sou uma mãe fraca... que minhas forças é pouca... que arrumassem um lugar pra botar eles..."

# Conclusão

Este grupo insinua uma dinâmica totalmente desintegrada, marcada, notadamente, pela ausência física dos adultos (mãe e padrasto). Pelo pouco de energia que investem no relacionamento, este tende a se atrofiar. A casa não é um lugar de encontro dos seus integrantes, servindo muito mais como dormitório, já que dificilmente interagem entre si. A falta de intercâmbio de energia e a desaglutinação familiar sugerem que se trata de um pseudogrupo, na medida em que se cons-

tatam manifestações de descompromisso para com o outro, consagrando a idéia de que "cada um vive para si".

# Caso 3

## 1. Os investimentos no grupo

### *1.1. Os vínculos conjugais*

A convivência da mãe com o padrasto da menor, ao longo de quase quinze anos marcados por um conjunto de acontecimentos trágicos, coloca em evidência o traço de desprazer, de rejeição e mesmo de ódio concretamente explicitado nas tentativas de assassinato mútuo. A explicação para a manutenção da ligação, pelo menos por parte da mãe, se encontra nas dificuldades econômicas enfrentadas, no excesso de filhos, na insegurança em relação à saúde, nas ameaças recebidas caso abandonasse o companheiro e na falta de energia para buscar alternativas. Aparentemente, essa ligação nada tinha para se manter, quer nos planos da afetividade, quer ainda no insucesso com relação à sobrevivência; entretanto, não foi o que se constatou.

No que diz respeito à última ligação da mãe, que parece já existir há três anos, tudo indica que esteja voltada para a busca de um lugar fixo para viver. Anteriormente ela se encontrava vivendo na rua como papeleira, o que justifica sua preocupação, manifestada durante a entrevista, em "ter um pouso".

### *1.2. A presença física*

Conquanto a presença física tenha sido assídua, o clima de desavenças e desconfianças compartilhadas impediu, ao que tudo indica, uma presença mais efetivamente participante, no sentido da construção grupal.

A presença da mãe, não obstante todas as dificuldades enfrentadas, conseguiu se tornar muito mais marcante do que a do pai. Uma informação elucidativa foi prestada pela filha menor de rua, ao mencionar que, quando o padrasto expulsou a mãe de casa, há cerca de quatro anos, o pai fez questão de ficar com os filhos, mesmo porque a mãe foi para a rua (naquele período em que viveu como papeleira). Acontece que depois de algum tempo, logo depois que a mãe foi morar com o vigia, os filhos abandonaram o pai e retornaram ao convívio da mãe. O interessante é que houve uma disputa judicial pela posse dos filhos e os próprios filhos declararam, perante o juiz, que não queriam permanecer com o pai, uma vez que nem alimentação eles tinham.

Conclui-se, então, que a presença da mãe, com todas as suas dificuldades, ainda pode ser entendida como um certo investimento, ainda que tênue, na aglutinação familiar.

### *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

As próprias instalações físicas do local de moradia dificultam a organização das atividades domésticas, tornando a interação física já difícil. Compete à mãe se dedicar à cozinha e, no tocante à lavagem de roupa, conta com a ajuda dos filhos engraxates. Dos filhos que moram com ela, a mais velha (15 anos) trabalha e estuda; a outra, de 13 anos sofreu um acidente de motocicleta e, segundo a mãe "não é muito certa da cabeça... ela é muito nervosa... ela está na creche durante o dia... ela não ajuda nadinha... "; os meninos (12 e 9 anos) trabalham de engraxate, passam o dia fora e aos sábados e domingos ajudam a lavar a roupa; sobra a filha de 8 anos, que é com quem a mãe conta para ajudá-la nas tarefas domésticas.

Com relação às condições mínimas de sobrevivência, a família enfrenta grandes dificuldades, como se pode inferir do seguinte trecho: "faz mais de seis meses que eu não ganho nada. Os meninos com suas engraxadinhas ajudam um pouquinho. Dá pra gente... arroz, feijão... algum dia uma carninha... Quando eu trabalho eu ajudo ele[1], compro alguma coisa, levo alguma coisa para minha mãe, ela está muito velha... o meu dinheiro é pra isto, não dá pra comprar roupa nem sapato... os meninos não têm nada..."

### *1.4. As experiências compartilhadas*

O que impressiona nessa dinâmica é a falta de ajuda em relação à mãe. Mesmo tendo optado judicialmente pela convivência com a mãe, os filhos desaparecem de casa, principalmente os mais velhos, e se esquivam em colaborar para diminuir os encargos da genitora. Esta, mesmo doente, tem que assumir todas as obrigações domésticas. A falta de alguém que organize a produção doméstica é evidente. As dificuldades de sobrevivência, o desânimo frente a um sentimento de impotência talvez expliquem a falta de iniciativa e de liderança da mãe, ao longo dos anos. Mas o que choca, no presente, é o fato de que não se observou nenhum indício entre os filhos de cooperação entre si, ainda que biologicamente a consangüinidade entre dois irmãos seja completa (com exceção da menina de rua, todos os demais, inclusive um outro menino que vive na rua, são filhos do mesmo pai e da mesma mãe). A imagem que fica da interação familiar é a de ligações filiais exclusivistas e intermitentes. Os filhos, embora de uma maneira muito contida, trocam

1. O companheiro atual.

alguma energia com a mãe, sem que, no entanto, haja qualquer expectativa de interdependência grupal.

## 2. Os retornos grupais

### *2.1. Os vínculos filiais*

A figura paterna aparece totalmente comprometida, principalmente em virtude da marca da violência. Além da relação extremamente conflituosa entre os parceiros, das atitudes que o padrasto tomou em relação à menor, outras informações foram acrescentadas, como, por exemplo, estas da mãe: "eu sempre bati nas crianças, mas nunca machuquei. O pai deles (o padrasto) já quebrou... O menino que vai completar 17 anos tem quebradeira no corpo. Esta quebradeira o juiz de menores diz que tem que tratar porque tem inflamação dentro... foi devido ao chute que o pai deu quando descobriu umas confusões que ele aprontou na rua..."

Felizmente, contudo, o que se constata é que a mãe, não obstante todas as tragédias de sua vida, consegue passar uma certa afetividade, um certo carinho quando fala dos filhos. A menor de rua também se refere com carinho à mãe.

No entanto, a prova maior de afetividade foram os filhos abandonarem o pai e espontaneamente buscarem o convívio da mãe. Mesmo assim, porém, a mãe se queixa de que os filhos não a tratam bem. "As meninas mesmo são tudo grosseiras... eu acho que sou mais enjoada com eles do que eles comigo... eu não tenho vista que preste, mas o que eu posso fazer pra eles, eu faço... a gente é pobre, não pode dar uma vida *mió* pra eles..."

### *2.2. O sentimento de proteção*

Sem dúvida existe um certo acolhimento por parte da mãe, inclusive explicitada pela menor, quando a ela se refere: "a minha mãe é uma pessoa sempre legal... se não fosse ela eu não estaria viva não... a qualquer hora que eu precisar dela, eu posso correr lá, que eu terei comida, roupa limpa..."

Mas o fato é que, talvez por uma certa impotência em relação ao pai de seus filhos, a mãe não conseguiu criar um clima de segurança familiar. As suas constantes mudanças de lugar, as desavenças freqüentes, as agressões mútuas parecem ter produzido uma dinâmica familiar muito mais ameaçadora do que acolhedora, principalmente para os filhos.

### *2.3. O sentimento de apoio*

Em que pese os investimentos nas relações com os filhos, principalmente por parte da mãe, constata-se o abandono do campo: a filha mais velha casada desapareceu, dois filhos vivem na rua, a filha que trabalha e estuda sai de manhã e só aparece em casa depois das 22 horas, a outra passa o dia na creche, os meninos engraxates também passam o dia inteiro na rua — portanto, os filhos não parecem encontrar muito apoio na interação grupal.

Uma explicação possível para o fenômeno é que talvez a mãe tenha conseguido estabelecer tão-somente uma vinculação interpessoal com os filhos. Ela não deve ter conseguido estruturar a imagem de uma entidade grupal acolhedora, daí a dispersão.

## Conclusão

A imagem da interação familiar passada neste caso é a de um grupo que não consegue se manter como entidade autônoma, não só devido a problemas de ordem afetiva entre os parceiros, como também na esfera da sobrevivência. Não obstante a existência de vínculos maternos desenvolvidos com muito esforço e afetividade estes não foram suficientes para criar uma atmosfera de proteção. Ao lado da afetividade da mãe convive também um certo sentimento de fraqueza, de impotência que, percebido pelos membros, leva-os a se afastarem uns dos outros.

# Caso 4

## 1. Os investimentos no grupo

### *1.1. Os vínculos conjugais*

Embora a primeira ligação materna não tenha sido satisfatória em decorrência da bebida e maus tratos, a segunda ligação (a atual), que já dura uns oito anos, é bastante razoável. Pelo menos é o que dá a entender a mãe ao se referir ao seu companheiro atual: "às vezes ele toma uns golinhos, fala umas bobagens, mas a gente não liga... afinal, ele é boa gente..." Pôde-se inferir da entrevista que os dois conseguem estabelecer uma certa relação de cumplicidade (são as alianças), tentando se desculparem mutuamente, talvez até em virtude das grandes dificuldades de sobrevivência que enfrentam.

### *1.2. A presença física*

A mãe se encontra disponível o tempo todo, pois, até fazendo algum trabalho fora — como, por exem-

plo, a lavagem de roupa —, as suas atividades são realizadas em torno de sua casa, uma vez que se destinam ao atendimento da vizinhança. Os filhos, mesmo os que trabalham fora, têm uma rotina na qual a casa é o seu ponto de reunião. Os filhos que trabalham na feira (dois) regressam à casa às 14 horas para almoçar e descansar; outros dois filhos trabalham como aprendizes de mecânico, numa oficina na mesma rua em que residem. Existem ainda duas filhas que trabalham no comércio, no mesmo bairro. O seu companheiro trabalha de pedreiro, na maioria das vezes nas redondezas, e, segundo a mãe, à noite está todo mundo em casa.

## *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

As condições de habitação são bastante precárias, tendo em vista, principalmente, o grande número de pessoas (onze) que habitam numa casa de proporções bem reduzidas. A casa, entretanto, possui um terreno bem grande e é interessante que no dia da entrevista, um domingo, a família estava toda reunida e animadamente engajada em preparar o almoço. Com exceção daqueles que estavam ainda trabalhando na feira, o restante dos filhos se distribuía em diversas tarefas domésticas, desde a limpeza até a preparação dos alimentos. Havia mesmo uma certa manifestação de contentamento para com as atividades domésticas, por parte dos membros da família, no momento da entrevista: as crianças correndo e jogando bola no quintal, o rádio tocando e os irmãos conversando animadamente com a mãe. O que chamou a atenção foi o fato de que a mãe supervisionava os trabalhos brincando com os filhos e outras pessoas que estavam presentes.

Com relação às condições mínimas de sobrevivência, as dificuldades são visíveis. A começar pelo próprio local de moradia, dado que a família mora de favor: "a casa é de um ex-cunhado que deixou a gente morar lá até arrumar uma outra coisa pra viver... 'tô pagando Cr$ 2.000,00, mas sei que qualquer coisa aqui por perto' tão cobrando Cr$ 20.000,00. Além das casas estarem caras, não acha não... pobre não dá conta não..." Segundo a mãe, o que consegue minimizar as dificuldades que enfrentam é que todos os meus filhos ajudam um pouco, um tantinho que seja já serve... Até os miudinhos carregam coisas pras vizinhas... a ajuda dos vizinhos também... um vem e dá uma coisinha... Às vezes eu lavo uma mala de roupa, um vem me dá um litro de óleo, um saco de arroz... a vida aqui em casa não é fácil, não... Eu gasto vinte quilos de arroz por semana... tá nascendo neto, eu tenho que cuidar, também... tenho uma filha que é doente da cabeça, que me dá muito trabalho... ela tem que tomar remédio... mas, a gente não tem..."

Um outro tipo de dificuldade diz respeito à escolarização: "agora, por exemplo, não tem ninguém na escola... porque no colégio que eles 'tavam não deixava eles entrar sem a lista de material: primeiro era o uniforme, depois o material... É o que eu digo pra eles: tem de dar um jeito de trabalhar, pra comprar material pra estudar..."

## *1.4. As experiências compartilhadas*

As atividades domésticas foram um exemplo vivenciado pelo entrevistador dos investimentos de cada membro para um projeto comum — a realização do almoço. Segundo a mãe, "os filhos são tudo muito bom... tudo que eu peço pra eles me ajudar eles fazem... Tem dias que eu estou tão cansada... aí eu peço pra eles arrumar alguma coisa, eles vão... São uns meninos muito bom... nisto eu sou muito agradecida..."

O menor que trabalha na feira fez questão de frisar na sua entrevista que ganha uns Cr$ 300,00 por feira e dá uns Cr$ 200,00 para a mãe, às vezes mais: "o resto eu junto pra comprar roupa..."

# 2. Os retornos grupais

## *2.1. Os vínculos filiais*

Em relação às figuras do pai (para os filhos mais novos) e do padrasto (para os filhos mais velhos) parece não existir muita aceitação. Segundo a mãe, "os meninos, principalmente os mais velhos, não gostam muito dele, não... ele é muito fechado... muito sem carinho com os meninos... Mas não judia, não, ele não é de maltratar e nem de bater... ele não gosta muito é de zumbido nos ouvidos..."

Em contrapartida, a mãe parece ser uma figura muito pregnante, muito ativa, muito alegre e que consegue passar muita afetividade na relação que desenvolve com os seus familiares. O tempo todo em que a mãe foi entrevistada todos os filhos presentes vinham periodicamente se pendurar no pescoço dela, acariciá-la. Esta, comentando a respeito de seus filhos, disse em certa altura: "eles são muito carinhosos comigo e eu também com eles. Não tenho nada que reclamar deles... é o que a gente tem... o futuro que eu tenho até agora são os filhos..."

## *2.2. O sentimento de proteção*

Pela participação presenciada, pelo envolvimento relatado, tudo indica que os membros da família se sentem acolhidos por uma dimensão grupal familiar. A propósito, o menor do subemprego, quando entrevistado, mencionou que não gostava muito de sair de casa, que a melhor diversão para ele "era ficar em casa, jogando bola..." Este fato, aliás, foi confirmado por sua mãe, que declarou-se assim a respeito do mesmo: "acho que ele é um menino sofrido, porque não conhece o pai, trabalha, me ajuda, não reclama... joga bola, ouve o gravadorzinho dele... agora, é um menino muito amigo, pronto para ajudar no que a gente precise..."

## *2.3. O sentimento de apoio*

Uma das características mais interessantes da dinâmica desta família é que, não obstante as grandes dificuldades, a mãe desempenha um papel de grande estimuladora da dimensão grupal. A forma como ela relata as dificuldades e a maneira como busca encontrar saída é muito pessoal. A sua expressão "mexendo com o meu povo" é bem indicadora do que ela sente em relação ao grupo familiar. Aliás, ela acredita que realmente é uma forma de enfrentar os obstáculos, quando frisa, em relação aos filhos: "é o que a gente tem... o futuro que eu tenho até agora são os filhos".

Uma prova convincente de que a dinâmica familiar é bastante participativa está não só no apoio que recebe dos vizinhos, como também no tempo que os filhos permanecem em convívio familiar.

# Conclusão

Esta família, embora enfrente um enorme desafio para sobreviver, apresenta, no entanto, uma dinâmica familiar muito acolhedora. Observa-se uma certa coesão entre os seus membros e a sensação de um coletivo que compartilha não só as dificuldades como as alegrias. A mãe, a todo instante, procura incutir nos filhos a necessidade de se ajudarem uns aos outros e estes, ao que parece, respondem afirmativamente, assumindo os compromissos de ajuda familiar não só com dinheiro, como no nível das tarefas domésticas. A maneira como a mãe se refere ao companheiro dá a entender que a relação é de alguma forma gratificante.

# Caso 5

## 1. Os investimentos no grupo

### *1.1. Os vínculos conjugais*

O casal convive há dezenove anos e, pelo menos na entrevista, passou um certo clima de entendimento bem razoável. Demonstraram um nível de concordância muito grande em relação às dificuldades financeiras da família, aos projetos, às preocupações familiares e, principalmente, à educação dos filhos, o que põe em destaque uma certa aliança existente entre ambos. Um outro aspecto que chamou a atenção foi o respeito demonstrado em relação às opiniões manifestadas por cada membro. Ninguém invadiu o espaço de resposta do outro tentando dar palpites sobre o que o outro deveria ou não dizer, o que demonstra um grau de aceitação mútua bem acentuado.

### *1.2. A presença física*

Devido aos desafios da sobrevivência familiar, tanto o pai como a mãe são obrigados, atualmente, a se ausentarem por muito tempo do convívio familiar. O pai, nos dias normais, sai antes das 04:00 horas da manhã e só retorna por volta das 16:00 horas. A mãe, enquanto os filhos eram pequenos, trabalhava com costura, primeiramente em casa e, depois, em sociedade com uma vizinha, na casa desta. Agora que os filhos estão crescidos (a filha com 16 e o filho com 15 anos), ela trabalha numa indústria de confecção, saindo de casa às 06:30 horas e regressando às 18:30 horas. Entretanto, chega em casa ainda a ponto de preparar o jantar.

O que se constata é que as obrigações de cada membro não impedem que todos compartilhem as noites juntos, bem como os fins-de-semana.

### *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

A casa apresenta uma boa organização e, como são poucas pessoas (o casal e dois filhos), parece ser fácil a sua manutenção. As atividades domésticas estão bem estruturadas, dado que a filha se incumbe, de segunda a sexta-feira, após o regresso da escola, de arrumar a casa, fazer o seu almoço e começar o jantar.

Todos os outros membros almoçam fora e a mãe, ao chegar em casa à noite, termina o jantar e prepara a marmita (o almoço do dia seguinte) para ela e para o marido. Durante a entrevista, a mãe declarou o seguinte: "pensando bem, em casa eu trabalho mais que no serviço... a gente que é dona de casa é sempre sacrificada..."

Em relação à obtenção das condições mínimas de sobrevivência, ainda que enfrentando as dificuldades que os assalariados sofrem, principalmente os de baixa renda, conseguem sobreviver razoavelmente. As preocupações maiores da família estão voltadas para a ampliação da casa que, sendo própria, requer obras para um maior conforto. Segundo o pai, agora que a esposa voltou a trabalhar na indústria, talvez este ano possa terminar mais uma peça da casa.

### *1.4. As experiências compartilhadas*

A organização doméstica é um exemplo bem significativo da maneira como a família consegue se estruturar, investindo em atividades para o coletivo e, assim, melhor capacitando a todos a enfrentar a luta pela sobrevivência. O que se observa é que para que a mãe

pudesse aumentar a renda familiar, houve uma total rearticulação doméstica, sem prejuízo, no entanto, daquilo que parece ser a maior preocupação da família — a educação para o futuro.

Interessante ainda registrar que o pouco dinheiro ganho pelo menor no subemprego (jornaleiro) também serve de contribuição à renda familiar, uma vez que, segundo ele, depois de uma semana de trabalho ganha uns Cr$ 800,00, sendo que dá para a mãe uns Cr$ 500,00 ou Cr$ 600,00 e fica com o restante para comprar roupas.

# 2. Os retornos grupais

## *2.1. Os vínculos filiais*

Os pais parecem transmitir bastante tranqüilidade aos filhos. Estes, em plena adolescência, desenvolvem o padrão classe média de exigências: festinhas, roupas e tênis com etiqueta e aparelhagem de som. Os pais, por outro lado, sem entrar em polêmica, deixam transparecer a excessiva preocupação com estudo, profissão e futuro daqueles. Ambos expressam na frente dos filhos que desejam que eles estudem "para não dar um duro igualzinho eu e o pai deles..."

Pela interação observada durante a entrevista pôde-se inferir uma relação muito intensa entre os membros. O pai, mais tranqüilo, a mãe, mais preocupada com a falta de controle sobre os filhos e estes, brincando com a preocupação da mãe. Mas, o que é importante, todos participando intensamente da troca de idéias.

## *2.2. O sentimento de proteção*

A forma como todos os membros se comportaram, a manutenção responsável da rotina da casa, sem que exista um controle mais rígido, e a forma como se trataram, dão a entender que existe um clima de acolhimento e segurança na convivência familiar.

## *2.3. O sentimento de apoio*

A preocupação dos pais em dar o melhor em educação para os filhos é uma constante. A grande frustração manifestada pela mãe em relação ao seu filho, deve-se ao fato de ele ter abandonado a atividade de guarda-mirim[1], o que permitiria ao menor, além de ganhar um ordenado, ser profissionalizado: "se permanecesse lá até completar 17 anos, primeiro faria um curso de datilografia e depois estagiaria numa repartição do governo do Estado e assim estaria com o futuro garantido", acrescentou o pai. Entretanto, o filho abandonou aquela atividade porque queria ganhar mais.

O outro motivo que preocupa, principalmente a mãe, nessa atividade de jornaleiro escolhida pelo filho, é que, fora de controle, ele pode vir a andar em más companhias. Mas mesmo assim respeitaram o direito do filho decidir e escolher uma outra atividade que não a desejada por eles.

# Conclusão

Esta família, ao que tudo indica, é bem estruturada, tanto no plano afetivo, como no plano da sobrevivência. A sua dinâmica demonstra as preocupações que ocorrem em todos os grupos familiares participantes — a educação e o futuro dos filhos. O sentimento de grupo está profundamente demarcado nas atividades dos pais e seus investimentos, nas atividades domésticas da filha e na contribuição salarial do filho.

# Caso 6

# 1. Os investimentos no grupo

## *1.1. Os vínculos conjugais*

Apesar da longa convivência, pois se encontram juntos há dezenove anos, o pai, pelo menos na entrevista, não deixou transparecer nenhuma forma de afetividade em relação à companheira. A maneira como relatou o início de sua ligação foi a mais impessoal possível, como se estivesse combinando um negócio com o cunhado. Fora esta alusão, nenhuma outra referência fez à sua companheira.

## *1.2. A presença física*

Durante onze anos, desde que ele e a mulher entraram para a Limpeza Urbana, estiveram ausentes de casa de segunda-feira a sábado, das 05:30 às 20:00 horas. Quando começaram nesta atividade, o filho mais velho (papeleiro) estava com 4 anos. "De manhã, quando nós saía, nós deixava o café pronto... deixava o dinheiro, aí eles ia e comprava um pão pra eles... aí ficavam os dois mais pequenos..."

1. Faz parte de um programa de treinamento da Fundação de Promoção Social de Goiânia.

O pai trabalhou até o ano passado, sendo que a mãe ainda continua trabalhando na Limpeza. Hoje em dia o pai faz biscate de pedreiro, durante o dia, e trabalha de vigia, durante a noite.

Pelo que foi dito pelo menor entrevistado, devido à luta pela sobrevivência, tanto a figura do pai como a da mãe estiveram bem ausentes da dinâmica familiar.

## *1.3. A sobrevivência do grupo familiar*

Parece que as atividades domésticas são muito complicadas. O pai disse que não tem tempo, a mãe só chega a partir das 20:00 horas e vem muito cansada, o filho mais velho (o papeleiro) fica a maior parte do tempo fora de casa (inclusive, mora no depósito). Resta, então, uma menina de 11 anos e um menino de 9, que, segundo os pais, "têm de se virar..."

No que tange à obtenção das condições mínimas de sobrevivência, moram num lugar afastado, numa casa razoável situada num terreno muito grande, todo arborizado. Segundo o pai, primeiro compraram o terreno e depois construíram a casa, que necessita ainda de melhorias. Em verdade, a renda familiar é para sustentar o casal e os dois filhos menores, já que o filho papeleiro praticamente não dá despesa e até, de vez em quando, "resolve dar um presente... compra um bujão de gás..."

## *1.4. As experiências compartilhadas*

Da entrevista nada surgiu que pudesse insinuar a existência de alguma atividade compartilhada, a não ser a contribuição para a renda familiar. Mas, mesmo assim, parece que é a mãe a grande provedora dos recursos financeiros, uma vez que o pai é biscateiro. Quanto ao filho mais velho, quase que não toma conhecimento da casa, pois, segundo o pai, "tem tempos que ele some mais de uma semana..." Segundo o próprio menor, sua renda é de cerca de Cr$ 1.000,00 por dia e, mesmo assim, não se compromete com nenhuma parcela para a renda familiar.

# 2. Os retornos grupais

## *2.1. Os vínculos filiais*

A ausência dos pais e a falta de iniciativa do pai sugerem uma relação muito tênue entre os membros, principalmente os filhos. O pai acha que o seu filho (o papeleiro) "é um menino simples, obediente, não cria caso... precisa de orientação..." Disse que o que falta para a família ficar boa "é recuperar o filho... tem dia que ele não vem pra casa, a gente fica preocupado, a gente não sabe o que ele está fazendo... mas a gente não pode fazer nada, a gente não sabe onde encontrar ele..."

Segundo o pai, a mãe também não pode fazer nada, porque ela trabalha muito.

## *2.2. O sentimento de proteção*

A família parece complacente, dando a impressão de falta de energia, de tônus, para enfrentar a realidade. O pai falava como se estivesse resignado com o destino do filho. Segundo o que se depreende da entrevista, foi o próprio menor que desde os 10 anos de idade tomou a iniciativa de trabalhar na rua. Primeiramente começou a vender doces e depois resolveu catar papel.

Segundo o pai, quando o filho resolveu ser papeleiro, eles ficaram aborrecidos: "a gente não gostava porque a gente via as crianças na rua, mas ele dizia que era pequeno e não podia arrumar outro serviço... Nós também não tinha tempo de arrumar outro serviço..."

Uma informação esclarecedora a respeito do grau de acolhimento do grupo familiar é o fato de que o menor passa às vezes a semana inteira dormindo num depósito de papel, cujas condições são péssimas, muito piores do que as que possui em sua própria casa.

## *2.3. O sentimento de apoio*

Ao que tudo indica, os pais não querem perceber que o filho está, efetivamente, se afastando de casa. Nada fazem para trazê-lo de volta, a não ser um relato de que ambos (pai e mãe), após um longo período de ausência do filho, resolveram ir procurá-lo. Descobriram o local onde trabalhava e foram falar pessoalmente com o patrão dele. Na ocasião, este senhor tranqüilizou-os, dizendo que não se preocupassem porque o dia em que o menor não fosse para casa é porque iria dormir no depósito e lá estaria em segurança. Depois desta conversa, então, eles ficaram um pouco mais tranqüilos.

Durante a entrevista, o pai teve um momento em que começou a refletir sobre o que dizia e chegou à seguinte conclusão: "eu tô vendo que demos excesso de liberdade pra ele, desde da época que ele começou a vender doces... ele falava que não vendia, ficava com o dinheiro... tudo isto nós tinha que corrigir... agora, tá mais difícil..."

# Conclusão

A impressão que passa é de um grupo familiar no qual os membros estão desarticulados, cada um acomodado na sua realidade individual, sem se preocu-